DA RUÍNA À RENOVAÇÃO: A PROFECIA DE SOFONIAS E A PROMESSA DE RESTAURAÇÃO PARA UMA NAÇÃO EM CRISE

Fábio de Araujo Malafaia[12]

RESUMO

O livro de Sofonias, um dos doze profetas menores do Antigo Testamento, ocupa um lugar significativo na literatura profética bíblica. Sofonias profetizou durante o reinado de Josias, rei de Judá (640-609 a.C.), um período marcado por profundas transformações políticas, sociais e religiosas, refletindo tanto a decadência moral e espiritual de Judá quanto a esperança de renovação que Deus prometera ao seu povo. Objetivando analisar a mensagem do profeta Sofonias, o artigo destacou sua abordagem sobre a crise nacional de Judá e a promessa de restauração divina, destacando temas centrais da mensagem, através de comentários bíblicos, tais como Sicre, Filho e Lopes, estudos acadêmicos sobre os profetas menores e obras que abordam o contexto histórico do século VII a.C. O trabalho foi estruturado em três partes principais. Na primeira, apresentou-se o contexto histórico e social de Judá, destacando a influência assíria, a corrupção e a idolatria que marcaram o período. Na segunda parte, analisou-se a profecia de juízo, com ênfase no "Dia do Senhor" como momento de ira divina sobre Judá e as nações vizinhas. Por fim, explorou-se a promessa de restauração, na qual Sofonias anunciou a purificação do povo e a futura habitação de Deus no meio de um "remanescente" fiel. As conclusões do estudo indicaram que a profecia de Sofonias oferece uma mensagem profunda sobre a justiça e as misericórdias divinas, e continua relevante para contextos contemporâneos de crise, oferecendo insights sobre a necessidade de justiça, humildade e fidelidade a Deus.

Palavras-chave: Sofonias; Profetas menores; Dia do Senhor; Esperança.

INTRODUÇÃO

O livro de Sofonias se destaca como um testemunho vibrante e penetrante da luta entre a ruína espiritual e a promessa de renovação. Redigido em um período de intensa crise para Judá, sob a sombra da opressão babilônica e da decadência moral, a profecia de Sofonias emerge como um chamado urgente à reflexão, ao arrependimento e à

[12] Fabio de Araujo Malafaia. **FAM**. Mestrando em Teologia Profissional pelas Faculdades Batista do Paraná, Bacharel em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná, Bacharel em Engenharia de Produção pela Universidade Federal Fluminense – RJ, endereço de email: fabioamalafaia@gmail.com, https://orcid.org/

esperança. À medida que o profeta pronuncia sua mensagem, ele não apenas identifica os problemas que afetam a nação, mas também acena para a possibilidade de um futuro restaurador.

O profeta Sofonias, descendente de Ezequias, atua como um porta-voz de Deus nesse cenário onde a idolatria, a injustiça social e a apatia religiosa haviam tomado conta do povo. Sua profecia, marcada por um tom de urgência e seriedade, destaca a iminente punição divina que se aproximava devido à desobediência persistente de Judá. A dualidade que permeia a mensagem - a realidade da ruína e a esperança da renovação - representam uma jornada comum para muitas nações e comunidades ao longo da história. À medida que o mundo contemporâneo se depara com crises multifacetadas, incluindo a degradação moral, a corrupção institucional e a injustiça social, as lições de Sofonias ressoam de maneira impressionante, não se limitando ao passado, mas oferecendo princípios que permanecem relevantes.

Este estudo tem como objetivo explorar a profecia de Sofonias sob a lente da ruína e da renovação, analisando como os temas centrais de juízo e esperança se entrelaçam para formar uma narrativa poderosa que transcende o tempo. A primeira parte deste estudo centrará a atenção na análise histórica e social da Judá do século VII a.C., investigando os fatores que contribuíram para sua deterioração moral e espiritual. Na sequência, explorará os principais temas apresentados na profecia de Sofonias, incluindo a natureza do juízo divino, os apelos ao arrependimento e as promessas de restauração. Concluindo, o estudo apresentará que, apesar das desoladoras realidades apresentadas em Sofonias, a mensagem de renovação é uma constante que deve ser abraçada em tempos de crise. A metodologia incluirá uma revisão da literatura existente, abrangendo comentários bíblicos, artigos acadêmicos e estudos teológicos que abordam a mensagem de Sofonias e seu contexto histórico. Em suma, este estudo propõe uma reflexão profunda sobre a interação entre a condição humana de ruína e a proposta divina de renovação.

1. CONTEXTO HISTÓRICO, POLÍTICO E SOCIAL

Sofonias, um dos doze profetas menores do Antigo Testamento, profetizou durante o reinado de Josias, rei de Judá (640-609 a.C.), um período marcado por profundas

transformações políticas, sociais e religiosas. Josias, constituído rei aos oito anos (II Rs 21.19-24), apesar de vir de uma linhagem de reis terríveis, seguiu os passos de Davi, promovendo uma grande reforma religiosa e política. Entretanto, Filho (2011, p. 102) ressalta que a reforma de Josias não foi "um verdadeiro avivamento espiritual do povo, mas uma reforma institucionalizada em vez de uma regeneração experimentada, pois a reforma acabou quando Josias morreu (II Rs 23.31-32)", e assim que Jeoaquim assume o trono, o povo volta a fazer o que Deus reprovava (II Rs 23.37) e novamente a idolatria volta a se alastrar em Judá.

Durante reinado de Josias, conforme Sicre (2008, p. 280s), à medida que a Assíria ia se enfraquecendo, os Medos e Babilônicos se fortaleciam - "A partir da morte de Assusbanipal (ocorrida entre 633 e 627), a Assíria vai se enfraquecendo com grande rapidez; tornou-se lhe impossível manter o controle sobre os imensos territórios conquistados [...] Depois de vários pequenos embates, em 612 a.C., os babilônicos conquistaram Nínive e em 610 a.C. Haram".

Enquanto a Assíria se esforçava para se proteger dos babilônios, os egípcios expandiam seu domínio pelo Sul, avançando pelas terras de Judá, e Joás, no reino de Israel, declara guerra contra o faraó Neco e acaba perecendo na batalha de Megido. E, em meio a esse cenário, Neco nomeando um novo rei, Jeoaquim, torna Judá um vassalo, impondo altos tributos, ao passo que a Babilônia ia se fortificando. De acordo com Sicre (2008, p. 283), em 605 a.C., Nabucodonosor conquistando Carquemis, a fortaleza egípcia, desestabiliza o equilíbrio entre o Egito e a Babilônia em favor dos babilônios, e ascende ao trono, iniciando sua política de expansão. Jeoaquim, rei de Judá e aliado do faraó Neco, opõe-se a Nabucodonosor e se recusa a pagar tributos, até que em 597 a.C., após sua morte, inicia-se o Exílio Babilônico.

Conforme Levy & Carmo (2023, p. 260-261), o reino de Judá "vivenciou um período de prosperidade e centralização política e religiosa graças a ação do rei Josias, que se aproveitou da conjuntura internacional momentânea que lhe proporcionou uma espécie de liberdade de ação política. Lowerly (2004, p. 308) complementa que "A política real tinha levado Judá ao ponto de ruptura sob a pressão das obrigações imperiais [...] Josias governou um Estado livre de restrições imperiais [assírias] pela primeira vez em um século".

Com o colapso do poder assírio, Josias empreende as famosas “reformas”, com o intuito de eliminar a influência da adoração e da autoridade assíria em Judá. Por isso, retirou do Templo de Jerusalém os ícones associados a esse domínio, como os utensílios de culto do “exército dos céus” (2 Reis 23.4, 5) e os “cavalos dedicados ao sol” (2 Reis 23.11) que estavam no Templo de Jerusalém: “A reforma do culto, portanto, também representa a política de emancipação que Josias instaurava em relação à Assíria” (DONNER, 2017, p. 408).

Outro aspecto que merece atenção, de acordo com Levy & Carmo (2023, p. 263), é a ascensão de Jerusalém, capital de Judá, como o único centro religioso oficialmente reconhecido em Judá, em contraste com os vários santuários que se encontravam espalhados pelo território judaico, conhecidos como “lugares altos” (*bamot* em hebraico).

> Existiam diversos santuários ao ar livre dedicados a *Iahweh* e/ou a outros deuses. Josias, ao inviabilizar o culto praticado em tais santuários, fazendo que os mesmos fossem considerados heterodoxos, buscava valorizar o Templo de Jerusalém, que era o santuário reinol, como único lugar legítimo de adoração, o que faz da centralização do culto em Jerusalém uma prática profundamente pró-davídica, pois configurou não só a imagem de Jerusalém como “cidade sagrada” mas também fortaleceu o poder dos daviditas que, a nível simbólico e religioso (LEVY & CARMO, 2023, p. 263).

Levy & Carmo (2023, p. 264) complementam que a elevação de Jerusalém como o único santuário oficialmente reconhecido e a remoção dos instrumentos considerados heterodoxos do Templo de Jerusalém foram iniciativas de natureza religiosa, mas também política, que visavam consolidar o poder nas mãos da linhagem davídica em um momento em que Judá desfrutava de uma relativa liberdade de ação. O fortalecimento político de Judá durante o reinado de Josias levou-o a almejar a conquista dos territórios que, no passado, pertenciam a Israel, exilado em 722 a.C. pelos assírios (2 Reis 23, 15-20).

Durante a reforma, o Sumo Sacerdote Hilquias encontrou o Livro da Lei e o entregou ao secretário do rei. Quando o texto foi lido na presença do rei, este rasgou suas vestes em sinal de lamento e, imediatamente, consultou o Senhor, utilizando como meio a profetisa Hulda, que confirmou que as notícias eram desfavoráveis e informou que, apesar da retidão de Josias, os pecados de Judá exigiriam a destruição do povo (2 Reis 22.15-20). Josias já suspeitava que isso poderia acontecer e exclamou, como registrado no versículo 13: “A ira do SENHOR contra nós deve ser grande, pois nossos

antepassados não obedeceram às palavras deste livro, nem agiram de acordo com tudo o que nele está escrito a nosso respeito" (NIV). As consequências da idolatria e da desobediência acumuladas ao longo de centenas de anos não poderiam ser revertidas apenas com a descoberta do livro. Assim, o Reino de Judá estava destinado à destruição.

Diante dessa calamidade, surge o profeta Sofonias revelando a severidade do juízo divino, mas também que a misericórdia de Deus permanece acessível a todos que se dispusessem em se arrepender e buscar reconciliação com o Senhor. Seu discurso é estruturado em uma linguagem vívida e muitas vezes poética, ilustrando a gravidade do estado das coisas. O profeta utiliza imagens de destruição e ruína, mas oferece uma palavra de esperança ao enfatizar que um remanescente fiel será purificado e restaurado.

Segundo Sicre (2008, p. 284) foram os discursos de Sofonias que ajudaram a promover a reforma espiritual efetivada por Josias:

> Sofonias denunciou, como os grandes profetas do século VIII, as diversas transgressões contra Deus e o próximo. Atacou a idolatria cultual, as injustiças, o materialismo, a despreocupação religiosa, os abusos das autoridades, as ofensas cometidas pelos estrangeiros contra o povo de Deus. Disse com clareza que tal situação era insustentável, que provocaria inevitavelmente o castigo, simbolizado no juízo do "dia do Senhor". Mas não se compraz em condenar. Considera a destruição como passagem para a salvação. Da rebelde, manchada e opressora (Jerusalém) sairá um resto que se refugiará no Senhor (3.13). Por isso, a despeito das suas terríveis denúncias, a leitura de Sofonias não surpreende. Transforma-se em estímulo para a ação, em agente de mudança. É o que ele pretendeu com a sua atividade: fomentar a reforma de Josias (SICRE, 2008, p. 285).

Em resumo, politicamente, o reino estava sob a influência do Império Assírio, que dominava a região e impunha sua cultura e práticas religiosas. Socialmente, a corrupção e a injustiça eram generalizadas, com os líderes e as elites oprimindo os mais vulneráveis. Religiosamente, a idolatria e o sincretismo haviam se infiltrado no culto a *Yahweh*, desviando o povo da aliança com Deus.

As diversas dimensões da crise enfrentadas por Judá no tempo de Sofonias - política, social e espiritual - criam um pano de fundo essencial para entender a urgência da mensagem do profeta. Com o poder babilônico crescendo e a instabilidade interna se agravando, a necessidade de uma renovação espiritual se tornava um imperativo. A mensagem de Sofonias se torna assim não apenas um relato do que está por vir, mas

um chamado à ação, um convite para que os cidadãos de Judá reconsiderem suas escolhas diante de uma realidade ameaçadora.

2. A PROFECIA DE JUÍZO – A RUÍNA IMINENTE

O livro de Sofonias pode ser dividido em três partes principais. Na primeira parte (Sofonias 1.1-2.3), o profeta anuncia o juízo iminente sobre Judá, destacando os pecados do povo e a inevitabilidade do "Dia do Senhor". Na segunda parte (Sofonias 2:4-3:8), o juízo é estendido às nações vizinhas, demonstrando que o julgamento divino é universal. Finalmente, na terceira parte (Sofonias 3.9-20), o profeta oferece uma visão de restauração, na qual Deus promete purificar o seu povo e estabelecer um futuro de paz e prosperidade.

Segundo a Bíblia de Estudo de Genebra (BEG, 1999, p. 1064), o foco principal da mensagem de Sofonias é o Dia do Senhor, um tempo em que um inimigo estrangeiro, representando a espada do castigo do Senhor (2.12; Is 10.5), que causará uma devastação significativa em Jerusalém (1.4, 10-11; 2.11). Esse Dia está próximo (1.7) e será marcado pela ira e indignação do Altíssimo de Israel, que se voltarão contra os ímpios (1.15, 18; 2.2-3). Será um dia de escuridão e trevas (1.15), pois o Senhor está tão determinado a extirpar o mal que realizará uma busca minuciosa para garantir que os ímpios sejam localizados e destruídos (1.12). Nesse dia, o orgulho será derrotado (3.12, 17), e as nações gentias também se voltarão para o Deus vivo e verdadeiro, invocando “o nome do Senhor” (3.9; Jl 2.32).

Um outro tema menos evidente, mas presente em todo o Livro de Sofonias, é a conscientização do profeta sobre a importância da aliança do Senhor com seu povo. Embora Sofonias não utilize a palavra "aliança", algumas passagens ressoam com detalhes de encontros e provisões da aliança que ocorreram anteriormente (BEG, 1999, p.1064).

Champlin (2003, p. 3631) escreve sobre o propósito de Sofonias:

> Sofonias predisse a queda de Judá e de Jerusalém como acontecimentos inevitáveis (1.4-13), em face da degeneração religiosa que ali reinava. Todavia, esse julgamento local é visto pelo profeta contra o pano de fundo do quadro maior dos últimos dias, que as Escrituras também chamam de Dia do Senhor (1.4-18; 2.4-15). Por conseguinte, o propósito central do autor sagrado foi, principalmente, despertar os piedosos para que se voltassem de todo o coração ao Senhor, a fim

> de escaparem da condenação quando do futuro dia do juízo (2.1-3), tornando-se parte do remanescente que haverá de desfrutar as bênçãos do reino de Deus (3.8-20). Isso significa que o livro não é obsoleto para nós; antes, à medida que se aproximarem os últimos dias, mais e mais o livro terá aplicação e utilidade para nossa meditação e orientação (CHAMPLIN, 2003, p. 3631).

Semelhante a muitos outros livros proféticos, Sofonias inicia com uma mensagem de juízo universal (1.2-3) e culmina em um oráculo de salvação, de maneira que tanto as nações (3.9) quanto o remanescente revitalizado de Israel (3.12-13) são trazidos a uma relação salvífica com o Senhor (3.19-20). Sofonias vê o juízo como um agente que transforma o mundo, reunindo as ações de todos os povos, boas e más, sob o rigoroso exame de Deus. A natureza restauradora da ira divina é refletida pela mudança de tom em suas ameaças, passando de 1.2-3 (“consumirei todas as coisas”) para a esperança manifestada em 3.14-17.

2.1. O Dia do Senhor

Ao destacar os erros do povo, o profeta menciona o “Dia do Senhor”. De forma distinta em relação a outros profetas, Sofonias apresenta o “fato de que esse dia é como uma moeda, com duas faces distintas, porém interligadas, sendo desenvolvido de maneira mais completa aqui do que em outros profetas, que enfatizam um dos elementos em detrimento ou à custa do outro. As duas facetas do mesmo Dia do Senhor são o juízo e a bênção.” (BAKER, 2001, p. 368).

Essa expressão aparece com frequência nos textos proféticos do Antigo Testamento, podendo se referir a qualquer momento específico em que o Deus Guerreiro, o Senhor dos Exércitos, é glorificado na vitória: contra a Babilônia através dos medos (Is 13.1-14.27), contra o Egito via babilônios (Ez 30.2-4), ou contra Israel por meio da Assíria (Is 10.5-6,20,24). Este dia da vingança do Senhor contra os inimigos é igualmente descrito como o período de libertação de Israel (Is 34.2-35.10), quando o Senhor derrotará de forma decisiva toda a resistência a Israel (Is 2.2,9; 3.8-20; Jl 3.14-16). Este é também o dia do juízo final (Am 5.18-20),

> O Dia do Senhor é apresentado com imagens assustadoras lembrando a teofania que acompanhou o estabelecimento da aliança mosaica no monte Sinai (Êx 19.16), cujos termos Judá tem violado. Alguns sugerem que “o Dia do Senhor” pode ser aqui entendido como o dia da sua aliança, ocasião em que o Senhor

> estabelece a sua aliança ou implementa as estipulações da mesma (BEG, 1999, p. 1065).

De acordo com a Bíblia Ecumênica (BE, 1994, p. 962), esse elemento tornou célebre a profecia de Sofonias, sendo o núcleo central da reflexão do profeta, na qual se divide em dois polos: de um lado, Israel; do outro, as nações. Essas forças antagônicas tinham como resultado o “Resto”. O conceito do Dia é moldado pelo contexto histórico das grandes perturbações políticas da época, sendo o “Dia do Senhor” o momento em que Ele vinga Seu povo, determina seu destino e o salva como fez outrora durante o Êxodo; para isso, renova a terra dos rebeldes contra as nações. No entanto, a concepção de Sofonias ultrapassa os limites estritos da história: o que ele prevê é um cataclismo cósmico. Sem hesitação e levando em conta a emoção, o profeta anuncia esse dia de ira (*dies irae*) e destruição.

O “Dia do Senhor” (já mencionado por Amós, Naum e Joel) será um dia de perturbação geral. Sofonias descreve um julgamento que, pelo terror e pela desolação, atingirá não apenas os homens e as civilizações, mas toda forma de vida na terra, resultando em uma espécie de desintegração da criação (Sf 1,2-3.15). Contudo, em Sofonias, o “Dia do Senhor” não é declarado como o fim do mundo e da história, mas sim como a metamorfose e recriação do povo de Deus, o término de uma era de pecado, de maneira, que tudo culminará nos cânticos de alegria do “Resto” (cap. 3).

Segundo Lopes (2019), “o profeta descreve-o como o dia da visitação da ira de Deus sobre o Seu povo e sobre as nações. Na verdade, toda a terra será atingida pelo zelo da ira de Deus”. Lopes complementa que na época do profeta Amós, a noção do “Dia do Senhor” estava em alta (Am 5.18). No entanto, a crença popular afirmava que Deus apareceria em breve e garantiria uma grande vitória ao Seu povo. Assim, a nação esperava ansiosamente e clamava pelo “Dia do Senhor”. A mensagem de Amós e Sofonias, por outro lado, deixa evidente que a natureza desse dia dependeria da situação moral e espiritual da população, pois seria um momento em que o Senhor Se revelaria contra o pecado, tanto dentro do Seu povo quanto entre as nações estrangeiras.

Seguindo esse raciocínio, Kramer (2023, p. 19) afirma: “Este Dia de *Iavé* é descrito como uma intervenção concreta de Deus na história, universalizada através de um julgamento definitivo das pessoas, dos povos e da criação inteira (1.2-7,17,18; 3.8)”.

Robertson, ao abordar esse Dia do Senhor, afirma

> As Escrituras da Nova Aliança empregam uma variedade de frases ao referir-se essencialmente ao mesmo fenômeno. Pode-se designar o Dia do Senhor como sendo “o dia do juízo” (Mt 10.15; 11.22,24; 12.36; Jo 12.48; 2Pe 3.7), o “último dia” (Jo 6.39,40,44,54; 11.24; 12.48); o “Dia do Senhor” (At 2.20; 1Co 5.5; 2Co 1.14; 1Ts 5.2; 2Ts 2.2; 2Pe 3.10); o “Dia de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Co 1.8), o “dia” ou “aquele dia” (Mt 7.22; Lc 10.12; 21.34; 1Co 3.13; 1Ts 5.4; Hb 10.25), o “Dia de Cristo Jesus” (Fp 1.6), o “Dia de Cristo” (Fp 1.10; 2.16), o “Dia de Deus” (2Pe 3.12), o “dia eterno” (2Pe 3.18), o “grande Dia” (Jd 6), o “grande Dia da sua ira” (Ap 6.17) e o “grande Dia do Deus Todo-poderoso (Ap 16.14). É suficiente dizer que o juízo cósmico, associado a uma teofania dramática, pode agora ser entendido em termos da gloriosa volta de Jesus Cristo. No dia certo, ele consumará todas as coisas (ROBERTSON, 2011, p. 342).

Esse dia trata-se de um dia de juízo (1.8-3.8) e de expectativa (3.9-20). É um dia que possui grande importância para Deus e Seu povo da aliança (1.8-13; 2.1-3; 3.1-7), mas também é significativo para outras nações (1.14-18; 2.4-15). É um dia de realização histórica (2.4-15), além de também envolver uma antecipação escatológica e apocalíptica (1.14-18; 3.8-13). É o momento em que *Iavé* intervirá com toda a Sua justiça e equidade, juízo e misericórdia amorosa, na qual apenas Ele estará em evidência, e, assim sendo, esse será o Seu dia (BAKER, 2001, p. 380).

Baker (2001, p. 381-386) apresenta uma análise detalhada do texto mencionado, proporcionando a seguinte exposição: 1) o anúncio do Dia (1.7a); 2) a natureza do Dia (1.8-18): a) o julgamento do povo de Deus (1.8-13); b) o julgamento do mundo (1.14-18).

(1) O anúncio do Dia (1.7a)

> O Dia do Senhor será aterrador para aqueles que O trocaram por outros deuses, para aqueles que tentaram servi-Lo com o coração dividido e também para aqueles que viraram as costas para Ele, com indiferença. Esse dia será de trevas, e não de luz; de terror, e não de gozo (Am 5.18). Porque o julgamento divino está às portas, os pecadores devem tremer emudecidos diante da majestade do Senhor. Assim escreve Sofonias: Cala-te diante do SENHOR Deus, porque o Dia do SENHOR está perto, pois o SENHOR preparou o sacrifício e santificou os seus convidados (1.7) (LOPES, 2019).

O Julgamento do povo de Deus (1.8-13) - Segundo Lopes (2019), a visão do juízo divino que percorre a terra e reúne nuvens escuras sobre Judá se concentra agora, de maneira específica, na cidade de Jerusalém. Em vez de ser o centro da adoração a Deus, essa cidade se transformou na incentivadora da luxúria, atuando como a protagonista da rebelião contra o Senhor. Os adversários virão e devastarão a cidade, destruindo seus monumentos e esmagando seus moradores. Wolfendale (1996, p. 532) retrata essa situação da seguinte forma: 1) A aflição diante dos portões da cidade; 2) A desolação no coração da cidade; 3) A conquista da cidade; 4) A destruição dos seus habitantes.

O Julgamento do mundo (1.14-18) – Segundo Lopes (2019), após descrever o juízo que recai sobre o povo de Deus, Sofonias começa a se referir ao juízo que se aproximará do mundo. Suas batalhas cataclísmicas impactarão toda a humanidade. Diante dessa avalanche de juízo, as riquezas não oferecerão proteção.

> Agora Sofonias passa a uma descrição do Dia de Iavé (veja v. 7), com suas batalhas cataclísmicas que afetarão o mundo inteiro e contra as quais as riquezas não servirão de proteção. Assim, o foco da profecia deixa de lado uma mensagem nacionalista a Judá e passa para uma advertência universal, escatológica, a todas as pessoas (BAKER, 2001, p. 286).

Enfim, a profecia de Sofonias não apenas anuncia o juízo iminente, mas também explica as razões para a ira divina. O profeta identifica três principais causas do julgamento divino: a idolatria, a corrupção e a injustiça social. Esses pecados são vistos como uma violação da aliança entre Deus e o seu povo, e Sofonias alerta que eles trarão consequências devastadoras. O profeta denuncia a adoração de Baal e outros deuses estrangeiros, bem como a prática de adorar o exército do céu (Sofonias 1.4-5), sendo vistas como uma traição a Yahweh, o Deus de Israel, e uma violação do primeiro mandamento.

3. CHAMADA AO ARREPENDIMENTO

Após a severa mensagem de juízo que permeia grande parte do livro de Sofonias, o profeta conclui com uma visão de esperança e restauração. Essa mudança de tom é crucial para a teologia do livro demonstrando que, mesmo em meio à ira divina, há espaço para a misericórdia e a renovação. A promessa de restauração não apenas oferece consolo ao povo de Judá, mas também aponta para um futuro na qual Deus estabelecerá um novo começo, tanto para o seu povo quanto para as nações gentílicas.

A ênfase é novamente direcionada ao próprio povo de Deus (veja 1.4-13), após uma visão mais abrangente do juízo global (1.14-18), que será abordado novamente posteriormente (vv. 14-15). O juízo rigoroso ainda se faz presente (v. 2), mas agora poderia ser mitigado com esperança, desde que houvesse a resposta adequada em relação a Iavé (v. 3) (BAKER, 2001, p. 389).

Wolfendale (1996, p. 538) discute três aspectos desse arrependimento: urgência, abordagem e razões:

(1) A necessidade do arrependimento (2.1) – Focaliza-te e reflete a nação desprovida de vergonha. A nação de Judá estava imersa em seus inúmeros erros, e precisava de atenção, pois voltava constantemente seu olhar para a vida de outras nações em vez de avaliar sua própria situação espiritual. Estava entregue a uma existência de decadência e não sentia remorso nem se mostrava arrependida de suas transgressões (LOPES, 2019).

(2) Os motivos do arrependimento (2.2) – Antes que o decreto seja emitido, pois o dia se esvai como palha; antes que o furor da ira do SENHOR se abata sobre ti, sim, antes que chegue a ti o dia da ira do SENHOR. O dia do arrependimento é uma oportunidade gloriosa, mas passa rapidamente como a palha é arrastada por uma forte lufada de vento. Portanto, apresenta-se algumas razões para o arrependimento: A primeira é que o momento para se arrepender é agora. Ainda existe a chance de fuga; O segundo, é que, onde não há arrependimento, as ameaças perigosas se concretizarão. Esse dia chega com a força e velocidade de um incêndio consumindo um monte de palha ou como um vendaval que leva a palha para longe; O terceiro é que um arrependimento tardio não salvará o povo de Judá da fúria do Senhor. Essa ira se manifestará sobre o povo da aliança. O juízo começa pela casa de Deus (1Pe 4.17) (LOPES 2019).

(3) A abordagem do arrependimento (2.3) - Procurai o SENHOR, todos vocês que são humildes da terra, que praticam os Seus juízos; busquem a justiça, busquem a humildade; quem sabe, poderão se refugiar no dia da ira do SENHOR (LOPES, 2019).

Um dos conceitos mais importantes na profecia de Sofonias é o de "remanescente", referindo-se a um grupo de pessoas que, apesar da destruição e do juízo, permanecera fiel a Deus e será poupado da ira divina. Em Sofonias 2:3, o profeta exorta o povo a buscar o Senhor, dizendo: “Buscai o Senhor, vós todos os mansos da terra, que cumpris o seu juízo; buscai a justiça, buscai a mansidão; porventura sereis escondidos no dia da ira do Senhor.” Essa exortação destaca a importância da humildade e da busca pela justiça como condições para a salvação. O “remanescente” é, portanto, composto por aqueles que se mantêm fiéis a Deus, mesmo em meio à crise.

Em Sofonias 3.12-13, o profeta descreve o “remanescente” como um povo humilde e pobre, que confia no Senhor e vive em retidão. Essas características são contrastadas com a arrogância e a corrupção que marcaram a sociedade judaica antes do juízo. O “remanescente” é, portanto, um grupo purificado, que reflete os valores do reino de Deus e é destinatário da promessa de restauração, reforçando a ideia de que Deus sempre preserva um povo para si.

Baker (2001, p. 393-394) complementa que a ideia do remanescente apresenta dois aspectos, evidenciando tanto o juízo sagrado quanto a bênção graciosa de Deus (a natureza bifacetada semelhante do *Dia de Iavé*). O juízo de Deus sobre o pecador será tão devastador que a nação será reduzida a um ponto em que apenas um remanescente, alguns poucos sobreviventes massacrados, restarão (Gn 7.23; Is 17.6). No entanto, em cada um desses e de outros casos, o fator da esperança está, ao menos, implícito, uma vez que as pessoas não são completamente destruídas (Js 10.40; Jr 50.26). Pelo menos um remanescente, alguns poucos sobreviventes massacrados, persistirá. O remanescente aqui (1.4; 2.9; 3.13), os que se refugiam da punição divina, simbolizam a esperança para Israel, já que o julgamento prometido não será absoluto.

Lopes (2019) apresenta alguns pontos em relação aos remanescentes, na qual cita-se: (1) Em primeiro lugar, os gentios serão santificados pelo Senhor (3.9). Então, darei lábios puros aos povos, para que todos invoquem o nome do SENHOR e o sirvam de comum acordo; (2) Em segundo, os gentios serão reunidos pelo Senhor (3.10). Dalém dos rios da Etiópia, os meus adoradores, que constituem a filha da minha dispersão, me trarão sacrifícios. Os rios da Etiópia são braços do Nilo: o Atbara, o Astasobas, o Nilo Azul e o Nilo Branco. Povos outrora pagãos se converterão ao Senhor, e aqueles que adoravam outros deuses trarão agora sacrifícios ao Senhor.

A promessa de restauração em Sofonias é descrita em termos tanto espirituais quanto sociais. Em Sofonias 3.9-20, o profeta anuncia que Deus purificará o seu povo e estabelecerá um novo começo. Essa restauração é marcada por uma transformação profunda, na qual Deus removerá a arrogância e a injustiça e trará justiça e paz. Sofonias afirma que “naquele tempo darei lábios puros a todos os povos, para que todos invoquem o nome do Senhor e o sirvam de comum acordo” (Sofonias 3:9), sugerindo uma

renovação espiritual, na qual o povo será capacitado a adorar a Deus de maneira genuína e sincera.

Além da purificação espiritual, Sofonias também anuncia uma restauração social. O profeta descreve um futuro na qual Deus habitará no meio do seu povo e trará paz e prosperidade. Em Sofonias 3.14-17, o profeta exorta o povo a cantar e se alegrar, pois Deus está no meio deles e trará vitória sobre os seus inimigos. Essa visão de um futuro de paz e alegria é contrastada com a desolação e o sofrimento que marcaram o período do juízo. Sofonias afirma que Deus “se alegrará em ti com júbilo; calar-se-á no seu amor, regozijar-se-á em ti com júbilo” (Sofonias 3.17). Essa imagem de Deus se regozijando com o seu povo é poderosa e transmite a ideia de que a restauração não é apenas um ato de misericórdia, mas também uma expressão do amor e do compromisso de Deus com o seu povo. Dessa forma, o julgamento é removido (3.15a), os inimigos são subjugados (3.15b), Deus é entronizado no meio do Seu povo (3.15c), o medo é vencido (3.16a) e o encorajamento é dado (3.16b).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sofonias não poupa os líderes de Judá em sua crítica. O profeta condena os príncipes, juízes e sacerdotes por sua corrupção e infidelidade a Deus, bem como os profetas e sacerdotes por sua falsidade e corrupção, afirmando que “os seus profetas são levianos, homens traiçoeiros; os seus sacerdotes profanaram o santuário e fizeram violência à lei” (Sofonias 3.4). Além dos líderes, Sofonias também critica o povo de Judá por sua infidelidade a Deus, afirmando que “não confiam no Senhor, nem se chegam ao seu Deus” (Sofonias 3.2).

A profecia de juízo de Sofonias é uma mensagem poderosa sobre as consequências da infidelidade a Deus. Ao denunciar a idolatria, a corrupção e a injustiça social, Sofonias chama o povo de Judá ao arrependimento e alerta sobre a inevitabilidade do juízo divino. A descrição do “Dia do Senhor” como um momento de ira e destruição serve como um alerta para todas as nações, destacando a universalidade do julgamento divino.

O livro de Sofonias é uma chamada ao arrependimento, à justiça e à fidelidade a Deus. A mensagem de juízo e restauração oferece uma visão de um futuro na qual Deus habitará no meio do Seu povo e trará paz e prosperidade. Essa mensagem continua relevante para a igreja e a sociedade moderna, lembrando da importância de buscar a justiça e a fidelidade a Deus, mesmo em meio à desesperança. Para futuras pesquisas, sugere-se uma análise mais aprofundada do conceito de “remanescente” em Sofonias e sua relação com outros profetas do Antigo Testamento. Além disso, seria interessante explorar as implicações da mensagem de Sofonias para a teologia da justiça social e a ética cristã na atualidade. A mensagem de Sofonias oferece um rico campo de estudo e reflexão, que pode inspirar a igreja e a sociedade a buscar a justiça e a esperança em um mundo marcado pela crise.

REFERÊNCIAS

Bíblia de Estudo de Genebra. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

Bíblia Sagrada: **Nova Versão Internacional**. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

Bíblia Sagrada. **Tradução Ecumênica**. São Paulo: Loyola, 1994.

BAKER, David W.; ALENADER, T. Desmond; STURZ, Richard J. **Obadias, Naum, Habacuque, Sofonias**: Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2001.

CHAMPLIN, Russell Norman. “Sofonias”. In: **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo, SP: Hagnos, 2003. Vol. 5.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Os profetas menore**s II: Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias. Rio de Janeiro: JUERP, 2011.

DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos**: dos primórdios até a formaçãodo Estado. São Leopoldo: Sinodal, 2017.

KRAMER, Pedro. **Sofonias**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

LEVY, Hector; CARMO, Matheus. **O reino de Judá sob a influência Egípcia no século VII a.C**., Revista História em Curso, Belo Horizonte, Jun 2023.

LOPES, Hernandes. **Naum e Sofonias**: justiça e graça. São Paulo, Hagnos, 2019.

ROBERTSON, Palmer. **Naum, Habacuque e Sofonias**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

SICRE, José Luis. **Profetismo em Israel**: O profeta, os profetas, a mensagem. Petrópolis: Vozes, 2008.

WOLFENDALE, James. **The preacher's complete homiletic commentary on the books of the minor prophets**. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1996.